



AS ESTRATÉGIAS DE REALISMO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA: novos sentidos de uma cidade afetiva¹

Milena Ferreira Hygino Nunes²

Paolla dos Santos Souza³

Analice de Oliveira Martins⁴

Este trabalho teve o intuito de analisar as estratégias de realismo na literatura e os diversos sentidos do *corpus* textual selecionado como forma de resistência à literatura canônica, refletindo sobre o quanto essas estratégias podem tornar a narrativa mais forte, mais afetiva (como sinônimo do que nos afeta, nos toca, nos choca) e mais crível do que uma descrição pormenorizada que nos quer dar a impressão de realidade por meio da cópia, do decalque, de uma realidade simulada, permitindo novas derivas de sentido que, de algum modo, traduzem a contemporaneidade, transcendendo as suas condições de produção, para além do seu espaço e do próprio tempo.

Tomamos como objetos de análise o poema concreto “Cidade city cité”, de Augusto de Campos, de 1963, e o fragmento “Assim:”, de Luiz Ruffato, retirado do romance “Eles eram muitos cavalos”, de 2001, que, por meio do realismo afetivo, com uma narrativa “dispersiva, elíptica, errante” (Deleuze, 1990, *apud* Schollhammer, 2008) sobre a(s) cidade(s), nos afetam fortemente.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutoranda e mestra em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e especialista em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo Instituto Federal Fluminense (IFF). Possui licenciatura em Letras (Português/Literatura) pela Universo, graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e complementação de estudos em Antropologia da Arte e Cultura pela PUC-RJ. Bolsista da CAPES. E-mail: milena.hygino@gmail.com.

³ Doutoranda e mestra em Cognição e Linguagem pela UENF. Cientista Social também pela UENF, tendo cursado a graduação de Ciências Sociais (grandes áreas: Antropologia, Sociologia e Ciência Política). Licenciada em Letras (Português/Literaturas) pelo IFF. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: paollasantoss@gmail.com.

⁴ Pós-Doutora em Literatura Brasileira Contemporânea pela Università degli Studi Roma Tre (2017); Doutorado em Estudos de Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2004), com bolsa do CNPq; Mestra em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994), com bolsa do CNPq; Bacharela e Licenciada em Letras (Português-Francês) também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990). Professora Titular no IFF campus Campos Centro e professora colaboradora do Programa de Mestrado e Doutorado em Cognição e Linguagem da UENF. E-mail: analice.martins@terra.com.br.

O interesse pela análise dos objetos deu-se pelo diálogo que há entre eles na representação da cidade e nas estratégias de realismo utilizadas, tanto na forma quanto no conteúdo, a despeito do fosso temporal de criação entre um e outro de quase 40 anos, e pela vontade de analisar como as narrativas literárias constroem a realidade, assim como a narrativa jornalística (uma ou outra sendo áreas de interesse e pesquisa das autoras deste trabalho). Uma vez que,

envoltos numa realidade construída socialmente, buscamos simbolizar e produzir significados por meio de narrativas, imagens e representações. Como tem sido tantas vezes enfatizado, as diversas estéticas do realismo são também formas culturalmente engendradas de fabricação da realidade (JAGUARIBE, 2007, pág. 101).

O diálogo entre os objetos escolhidos para análise dá-se pelas semelhanças de representação da cidade, que podem ser explicadas pela semelhança da experiência de vida e de cidade dos autores. Augusto de Campos é paulistano e Luiz Ruffato, apesar de ser mineiro de nascença, reside em São Paulo desde 1990. O seu livro “Eles eram muitos cavalos”, de onde foi extraído o fragmento “Assim:” para análise, é, declaradamente, o “retrato” (sabemos que por um outro viés) da cidade de São Paulo: “Neste Eles eram muitos cavalos, seu primeiro romance, retrata um dia nas vidas de São Paulo” (Eles eram muitos cavalos, contracapa).

Ambos os objetos abordam a experiência urbana de uma forma diferente da do realismo tradicional, exatamente como Karl Erik explica:

Na literatura contemporânea, a experiência urbana se escreve revelando a lógica estrutural da cidade e o caos que brota e se prolifera à margem da ordem. Esse confronto se articula no nível da subjetividade do cidadão, no qual se percebe o limite da liberdade de ação que ele experimenta diante da complexa realidade urbana e, simultaneamente, o exercício de uma outra apropriação literária do espaço simbólico da cidade através da escrita. Na narrativa contemporânea, a cidade se tornou palco privilegiado da procura literária de uma realidade mais “autêntica” e de uma nova expressividade estética da experiência urbana que extrapolasse os moldes do realismo tradicional (SCHOLLHAMMER, s.d., p. 99).

O poema de Augusto de Campos, apesar de não ser contemporâneo, faz uso do realismo afetivo, o que só o valoriza ainda mais, por ter se antecipado e “previsto” as estratégias desse tipo de realismo. Além de tudo, revela que o realismo afetivo não é marcado no tempo, como se fosse exclusivo da literatura contemporânea, assim como o realismo histórico não deve ser visto como exclusivo da literatura dos séculos anteriores, porque ambos os realismos existiram e existem em todas essas

épocas. Cabe ao autor ter feito/fazer uso de um ou outro, de acordo com as suas intenções narrativas, independentemente da época.

Os dois objetos de análise, mesmo sendo um poema e um fragmento de romance puramente verbais, sem uma imagem ilustrando, o texto, em cada objeto, têm uma forma específica, que constrói uma imagem em cada um. A mistura de fontes e estilos de letra, no fragmento do romance de Luiz Ruffato, não é aleatória; ela marca visualmente cada voz nesse texto polifônico e fragmentado sobre a cidade. O poema de Augusto de Campos, resumido em uma linha, em um verso, tornando-o peculiar, igualmente não é à toa; faz referência a corredor, travessia, locomotiva, trama de uma cidade também fragmentada, representada pelos radicais e prefixos que desembocam nos sufixos cidade, city e cité. Vemos que ambos os textos, por meio da forma como são estruturados, representam a realidade de uma cidade metropolitana, cosmopolita, como São Paulo, e o seu caos urbano, pelo acúmulo, que chega ao excesso, de palavras e de informações, exemplificando o que Karl Erik diz a seguir:

Nenhum signo artístico se apresenta como puramente verbal, nem como puramente visual. O texto depende hoje mais de que nunca da sua qualidade visual, e da sua materialidade de escrita, do seu meio gráfico, da sua edição ou da sua projeção. No caso dos hipertextos, tornou-se praticamente impossível distinguir o elemento visual do elemento textual do signo, o que cria uma nova dimensão de significados não redutível, nem ao sentido literal da linguagem, nem à semelhança mimética da imagem. Da mesma maneira, nenhuma imagem hoje representa um sentido em função da sua pura visibilidade, mas encontra-se sempre inscrita num texto cultural maior, abrindo para formas diferentes de leitura cujas fronteiras ainda não percebemos com clareza. Ou seja, não podemos tratar a imagem como ilustração da palavra, nem o texto como explicação da imagem. O conjunto texto-imagem forma um complexo heterogêneo fundamental para a compreensão das condições representativas em geral (SCHOLLHAMMER, 2008, p. 88-89).

Essas imagens criadas pelo texto nos objetos de análise, mesmo não sendo cinema, têm movimento, característica considerada por Christian Metz “uma das maiores diferenças entre o cinema e a fotografia [...], que dá uma forte impressão de realidade” (METZ, 1972, p.19).

Schollammer corrobora Metz:

Nessa perspectiva é possível analisar a literatura e a arte contemporâneas como expressão de uma estratégia alternativa de representação, em que a tendência experimental modernista de criar formas heterogêneas e híbridas entre diversos regimes expressivos – literatura, arte, fotografia, cinema etc. – visa ressaltar uma concretude afetiva do signo até o limite de sua representabilidade (SCHOLLHAMMER, s.d., pág. 78).

Nos objetos de análise, não vemos esse hibridismo de literatura e fotografia, por exemplo. Mas, na forma, a literatura torna-se híbrida. Ela não é só conteúdo; é forma, como dito anteriormente. O hibridismo literário não se dá apenas por essa relação com uma outra área de expressão. Ela, por si mesma, já tem essa natureza totalmente híbrida de materiais, como na polifonia do narrador, por exemplo.

Esse movimento é muito bem construído nos textos, por meio da fragmentação: no caso do poema de Augusto de Campos, as palavras não se formam imediatamente; o que existe é um emaranhado de prefixos e radicais - são 28 radicais ou prefixos, dispostos em ordem alfabética (atro, cadu, capa, causti, dupli, elasti, feli, fero, fuga, histori, loqua, lubri, mendi, multipli, organi, periodi, plasti, publi, rapa, recipro, rusti, saga, simpli, tena, velo, vera, viva, univora) - que culminam no sufixo cidade; no fragmento de Ruffato, o texto é todo recortado, “estilhaçado”, como um “prisma caleidoscópico das pequenas situações urbanas de um dia na capital” (SCHOLLHAMMER, 2008, p. 100).

Corroborando o que diz Karl Erik -

Também a cultura da escrita contemporânea aparece, cada vez mais, como um produto da sua materialidade tecnológica, agora encenado pelo uso da informática e da multimídia, que ressalta a velocidade e o contato imediato com o público, a forma direta, crônica, engajada e participativa através do aspecto sensível e material da linguagem (literatura visual), através de hipertextos, *bricolage* generalizado, *surfing*, *zapping*, recopilação e virtualidade (SCHOLLHAMMER, s.d., p. 81).

-, podemos chamar esses fragmentos de hipertextos, como classifica Lévy (1996, pp.37, 40) - “uma matriz de textos potenciais [...] que hierarquiza e seleciona áreas de sentido, tece ligações entre essas zonas, conecta o texto a outros documentos” -, uma vez que, em ambos os objetos analisados, há conexão entre as partes, remissões, ou seja, há sempre um hipertexto, cabendo ao leitor, como um andarilho pela cidade, um flâneur, percorrer o poema e o fragmento do romance, e, nessa narrativa elíptica, seccionar o texto e atribuir sentido a ele, “descobrir” a cidade, atento a esses índices de leitura inicialmente ilegíveis e ininteligíveis, mas compreensíveis, ao final, quando se percebe se tratar da cidade. Porque a ilegibilidade do poema e do fragmento retrata a ilegibilidade da cidade.

Os fragmentos, tanto no poema quanto no fragmento do romance, também nos remontam a uma cidade babélica, confusa, de difícil entendimento. Augusto de

Campos faz isso magistralmente, ao finalizar o poema com as palavras cidade, city e cité, representando a cidade nas línguas portuguesa, inglesa e francesa. Todos os termos também são sufixos formadores de substantivos, que completam os radicais e prefixos que não eram inteligíveis anteriormente. Metaforicamente, podemos entender que a cidade, em si, abarca toda a fragmentação e ela é a completude, ela é a plenitude, ela que reúne tudo. O fragmento de Luiz Ruffato, igualmente, representa essa cidade babélica, fragmentada, polifônica, recortada, que tem vários pontos de vista narrativos vibrando ao mesmo tempo.

A polifonia nos remete à Análise do Discurso (AD). Como assinala Orlandi (1990), todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outros discursos que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Pois todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo.

O interdiscurso significa justamente a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um elemento não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer. [...] Representa assim a alteridade por excelência (o Outro) (ORLANDI, 1990, p. 80).

Isso representa muito bem as cidades descritas por Ruffato e Augusto de Campos, de fato.

A leitura de ambos, sem pausa, representa essa torre de babel, onde ninguém entende nada. Mas, ao final, depois de se percorrer todo o texto, como quem percorre a cidade, é possível decifrá-lo. As várias vozes ou línguas representadas nos objetos também marcam a questão da universalidade do tema cidade, o caos urbano, a vida crua e dura na cidade, em que eu, você, todos nós nos reconhecemos e percebemos essa cidade, seja São Paulo, seja uma metrópole qualquer, mesmo que não tenhamos nascido ou vivido nela. Isso ocorre porque a representação da cidade, por meio do realismo afetivo, é muito real, é algo que nos impacta, que nos afeta, que nos atinge, que nos choca, por outros caminhos que não a descrição literal e pormenorizada dessa cidade, mas mais sensórios e, possivelmente, mais críveis do que se fossem pelo meio tradicional, como o realismo histórico, por exemplo. Deleuze, citado por Karl Erik, explica:

Aqui, o 'real não era mais representado ou reproduzido, mas visado'. Em vez de representar um real já decifrado, o neo-realismo visava um real sempre ambíguo a ser decifrado. [...] Trata-se de um realismo que, em vez de tomar

por objeto a realidade, enfoca os “encontros fragmentários, efêmeros, interrompidos” (p.10) entre as percepções e os atos, como se as descrições deixassem de inspirar e provocar ações por parte dos sujeitos e se convertessem em eventos singulares de interação entre sujeitos e o mundo. Diferente do realismo histórico, dominado por aquilo que Deleuze chama de “situações sensório-motores da imagem-ação”, ou seja, por programas narrativos motivados pelo registro descritivo de uma realidade insatisfatória, o novo realismo parece revelar situações puramente perceptivas (DELEUZE, 1990, p. 9-10 *apud* SCHOLLHAMMER, 2008, p. 90-91).

Entendemos o neo-realismo explicado por Deleuze como o realismo afetivo. E, com a análise dos objetos, o reconhecemos claramente tanto no poema de Augusto de Campos quanto no fragmento do romance de Luiz Ruffato, compreendendo a força da representação da cidade feita por eles. Por mais que os escritores tentassem representar a cidade pelo realismo tradicional, possivelmente, não nos afetariam tanto quanto conseguiram com as estratégias do realismo afetivo.

Especificamente sobre a obra de Ruffato, Karl Erik opina: “Ruffato traduz a cidade na estrutura complexa e descentrada do romance e incorpora uma série de experimentações formais para recriar literariamente a experiência caótica da cidade, sempre beirando o indizível e o indescritível” (SCHOLLHAMMER, 2008, p. 100). Entendemos que essas “experimentações formais” na obra analisada de Ruffato, explicadas por Schollhammer, que geram os diversos sentidos do *corpus* textual, são formas de resistência à literatura canônica. Assim também fez Augusto de Campos em seu poema analisado aqui, já em 1963, como dito anteriormente. Isso ocorre por meio das estratégias do realismo afetivo.

Quando falamos em resistência, entendemos, como Alfredo Bosi (1996), que ela vai além da cultura política militante. Há, “em certas obras, escritas independentemente de qualquer cultura política militante, uma tensão interna que as faz resistentes, enquanto escrita, e não só, ou não principalmente, enquanto tema. Quem diz escrita fala em categorias formadoras do texto narrativo, como o ponto de vista e a estilização da linguagem” (BOSI, 1996, p. 22). Em ambos os objetos de análise, vemos essa resistência.

Nos objetos analisados, também percebemos o que Beatriz Jaguaribe define como “choque do real”:

a utilização de estéticas realistas visando suscitar um efeito de espanto catártico no leitor ou espectador. Busca provocar o incômodo e quer sensibilizar o espectador-leitor sem recair, necessariamente, em registros do grotesco, espetacular ou sensacionalista (JAGUARIBE, 2007, pág. 100).

No fragmento do romance de Ruffato, todo o texto pode ser considerado como choque do real, por nos incomodar e nos sensibilizar, pela sua própria estrutura, que nos tira do eixo, por representar o caos da cidade, como dito anteriormente (assim como faz o poema de Augusto de Campos). Mas há partes mais fortes, tanto em Ruffato quanto em Campos, que reforçam esse incômodo, esse choque do real, como em:

[...]
- vai chegar um dia em que não vamos mais poder sair de casa
- mas já não vivemos em guetos?
[...]
a violência
feia tão suja tão
perigosa
[...]
irreconhecível o centro da
cidade hordas de camelôs batedores de carteira homens-sanduí-
che cheiro de urina cheiro de óleo saturado cheiro de
[...]
este é o país do futuro? deus é brasileiro?
onde ontem um manancial hoje uma favela onde ontem uma es-
cola hoje uma cadeia onde ontem um prédio do começo do século
hoje um três dormitórios suíte setenta metros quadrados
[...]
precisaríamos reinventar uma civilização
(RUFFATO, 2001, p. 36-37).

Nos trechos acima, vemos referências à insegurança, à violência, à desigualdade econômico-social, ao caos urbano do trabalho informal (camelôs), da sujeira (cheiro de urina), do trânsito (cheiro de óleo saturado). São relatos do real, do que vivemos ou do que nos é reconhecível, sem nada grotesco ou espetacular, como disse Jaguaribe na última citação, mas que nos chocam, nos atingem.

No poema de Augusto de Campos, podemos destacar os radicais ou prefixos que formam, com o sufixo cidade, as seguintes palavras: atrocidade, caducidade, causticidade, ferocidade, mendicidade, rapacidade, univoracidade, que mostram o lado cruel, miserável, mas cru, verdadeiro da cidade (e de seus habitantes, que somos todos nós).

Essa exposição da miserabilidade humana e das relações sociais, feita no poema de Campos e no fragmento do romance de Ruffato de forma crível, sem exageros, mas intensa, reforça essa cidade desigual e fragmentada, já bastante indiciada na forma, que abarca tudo isso por ser o que é: heterogênea.

Vemos, com a análise dos objetos, que “a obra se torna referencial ou 'real' na medida em que consegue provocar efeitos sensuais e afetivos parecidos ou

idênticos aos encontros extremos e chocantes com a realidade em que o próprio sujeito é colocado em questão” (SCHOLLHAMMER, s.d., p. 81-82). Augusto de Campos e Luiz Ruffato fazem isso muito bem, tanto é que mesmo as pessoas que não são de São Paulo ou de uma cidade cosmopolita se reconhecem e percebem a cidade retratada nas obras, mesmo que seja literatura, mesmo que seja ficção, mesmo que não se diga de forma pormenorizada o que se quer passar – aliás, por não se fazer isso, por se deixar apenas indícios, caminhos, hipertextos, buracos para o leitor, é que se consegue ser tão crível.

Graças à palavra, signo que comporta a realidade de outra maneira, diferente da tangível, temos representações sensoriais tão diferentes e tão reais. Conseguimos perceber, pelo conteúdo e pela forma, uma cidade, ao mesmo tempo, em construção e em ruínas, polifônica, caótica, fragmentada, caleidoscópica, superposta, babélica, ilegível, mas totalmente inteligível, se o leitor souber “explorar” e decifrar essa cidade que tem tanto dele, tanto de nós, e que só se completa assim. E isso só ocorre quando se dá espaço a ele, quando se deixa que ele percorra o texto e se sensibilize, para se reconhecer ali, como vimos nos objetos de análise, por meio das estratégias do realismo afetivo.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: **Itinerários**. Araraquara. n.10, 1996. pp. 11-27. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577>
Data do acesso: 10 ago. 2018.

CAMPOS, Augusto de. **Cidade city cité**. 1963.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real**: estética, mídia e cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

METZ, Christian. A respeito da impressão de realidade no cinema. In: **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972. pp. 15-28.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1990.

RUFFATO, Luiz. Assim:. In: **Eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Boitempo editorial, 2001. pp. 36-37.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. A literatura e a cultura visual. In: OLINTO, Heidrun Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Literatura e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2008. pp. 87-103.

_____. **À procura de um novo realismo**: Teses sobre a realidade em texto e imagem hoje. s.d., pp. 76-90.

ANEXOS

16. assim:

são pequenos lagos azuis (ninhos de cegonha acomodados nas chaminés de) piscina o notebook os dedos direitos piscam o nó da (nós dois, galeria vittorio emmanuele, milão, lembra?) a barra cinza do horizonte (podre, o ar) *vista de cima são paulo até que não é assim tão*

– vai chegar um dia em que não vamos mais poder sair de casa
– mas já não vivemos em guetos? *a violência*

(johannesburgo, conhece?, à noite não se pode sair do) *feia tão suja tão perigosa*

entra governo, sai governo, muda o quê? na hora de pedir contribuições pra campanha, são dóceis, são afáveis. a contrapartida... autorama (:chamariz a menina – mostra pra mim deixa eu ver não conto pra) hélices o rio (podres, as águas) **(eu sei, também odeio escândalo, mas você)**

– não sou insensível à questão social *irreconhecível o centro da cidade hordas de camelôs batedores de carteira homens-sanduíche cheiro de urina cheiro de óleo saturado cheiro de a mão os cabelos ralos percorre (minha mãe punha luvas, chapéu, salto alto para passear no viaduto do chá, eu, menino, pequeninho mesmo, corria na)* este é o país do futuro? deus é brasileiro? onde ontem um manancial hoje uma favela onde ontem uma escola hoje uma cadeia onde ontem um prédio do começo do século hoje um três dormitórios suite setenta metros quadrados

– o jipe atravessado no meio da rua o ferreira deu uma freada os seguranças vinham atrás saíram atirando o ferreira deu ré fugimos pela contramão passei uma semana à base de *são imigrantes são baianos mineiros nordestinos gente desenraizada sem amor à cidade para eles tanto (você e seus quatrocentos anos! vão se)* fez é uma cidade magnífica os minaretes (podre, a cidade)

– a caçula em paris doutorado em arquitetura

– o do meio aqui mesmo na diretoria de compras você sabe o ralo de qualquer empresa

– o mais velho com nossos sócios em nova york

o ministro vai assinar sim a portaria já está tudo **(você e suas)** a brisa da manhã acaricia a avenida paulista o heliponto incha sob o (podre, esse país) *precisaríamos reinventar uma civilização*

Eles eram muitos cavalos (Luiz Ruffato, 2001, p. 36-37)

atrocaduca paustiduplielastifeli ferofugahistorioqualubrimendimultipliorganiperiodioplastipublipareciproustisagasimplitena veloveravivaunivocidade

city

city

Augusto de Campos (1963)